

O CONCEITO DE BILDUNG NO PREFÁCIO À FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO: UMA PAIDEIA?

João Luiz Costa da Silva¹ ; Marcos Fábio Alexandre Nicolau²

¹Mestrando em Filosofia política; Bolsista da CAPES, MAF, UVA; joaluizcostadasilva7@gmail.com,

²Docente do curso de Filosofia e do Mestrado Acadêmico, MAF, UVA; marcos_nicolau@uvanet.br.

RESUMO: Trabalhamos aqui o conceito de *Bildung* (formação cultural) e sua relação com a *Paideia* (educação) dos gregos com base no Prefácio à *Fenomenologia do Espírito* (1807), de Hegel. Com o intuito de aprimorar as questões trazidas por tal filósofo no que tange esse conceito dentro da filosofia, nos propomos a debater e tentar responder se a *Bildung* hegeliana possui o mesmo escopo que a *Paideia* grega. Um resgate que nos parece relevante para a proposta de formação da contemporaneidade.

Palavras-chave: Bildung, Paideia, Fenomenologia do Espírito, Hegel.

INTRODUÇÃO

G.W.F.Hegel (1770-1831), filósofo alemão da Modernidade, tido como o último grande filósofo sistemático, especulativo, traz muitas questões, inclusive muito complexas para o seu tempo. Cabe-nos aqui, debater sobre sua filosofia, que surge como um movimento dialético e metafísico em meio a era moderna e conquista denotado espaço e importância. Hegel avalia e idealiza o fim da filosofia, seu acabamento ou fechamento. Não o fim como algo a ser destruído, mas na verdade seria o fim das grandes questões filosóficas que estariam prestes a serem respondidas com sua filosofia, que vinham desde os primórdios, há vinte e quatro séculos na humanidade (Chatellet, 1974).

O objetivo da nossa pesquisa é identificar e trabalhar o conceito de [Bildung] formação cultural no prefácio à *Fenomenologia do Espírito*, de Hegel, no intuito de tentar responder a seguinte questão: A *Bildung* hegeliana possui o mesmo escopo da *Paideia* grega?

O tema que trazemos à luz é a *Bildung* segundo Hegel, e a hipótese central é que, ao delimitarmos esse conceito a uma simples cópia da *Paidéia* grega ou vice versa, sem maiores explicações e aprofundamento, com base apenas em acusações do senso comum, estaríamos abrindo mão de importantes conceitos, tão caros à filosofia e que nos é alicerce para o que possuímos hoje no campo do conhecimento de forma geral, das relações humanas, políticas e filosóficas; tendo em vista que para Hegel a filosofia tinha uma proposta de ciência, assim sendo, inevitavelmente universal, indistinta, móvel e ilimitada. No que difere um conceito do outro ou até onde se assemelham é o que importa investigar e não se limitando a crer em propostas pouco fundamentadas, acreditamos que tanto a *Bildung* quanto a *Paideia* possuem algo de importante a ensinar e a colaborar com o conhecimento e a sociedade.

O nascimento do conceito de Bildung possui uma correlação com o contexto cultural da Alemanha, especificamente no século XVIII onde os ideais de cultivo interior ganharam espaço no país (NICOLAU, 2019). Os europeus W. von Humboldt (1767-1835) e F. I. Niethammer (1766-1848) serviram de inspiração para que Hegel formulasse a sua proposta inovadora de Bildung.

Um novo momento se iniciava e com ele a ideia de que a formação dos cidadãos deveria ser pautada em um ideal iluminista e não simplesmente religioso de outrora. O Estado ganha protagonismo na regulação do ensino e na tarefa cada vez mais expressiva de formar cidadãos que visem um sucesso laboral em consonância com os valores civilizatórios mais basilares (NICOLAU, 2019).

No caso da Paideia, esse é um conceito que emerge da antiguidade grega e representa a educação dos homens da polis. Algo individualizado, pensado para cada homem em sua particularidade, com o intuito de formar um possível líder em todas as esferas do conhecimento. Temos na história, vários exemplos de homens de estado que foram educados nessa perspectiva. Um bastante conhecido é Alexandre Magno, que foi discípulo de Aristóteles e em parte, tornou-se um grande conquistador a partir dos ensinamentos que recebeu do filósofo (Abbagnano, 2007).

Alexandria desenvolveu-se bastante no período de Alexandre, no quesito filosofia e ciência, sua biblioteca era uma das maiores, diz-se ter possuído 700.000 volumes e possuía obras de propriedade do filósofo Aristóteles (Abbagnano, 2007, P.24). Isso pode nos levar a muitas teorias, tendo em vista que a possibilidade de uma filosofia universal já possuía suas raízes na antiguidade, como falamos anteriormente sobre a filosofia especulativa.

Por meio de Hegel surge uma nova forma de perceber o conhecimento filosófico e metafísico, que aparentava estagnação diante da velocidade histórica com que evoluía a física e a matemática, nos preceitos de Kant (1724-1804). Essa observação houvera sido apontada por o filósofo de Königsberg na introdução da sua *Crítica da Razão pura* (1781).

Assim Hegel vem para debater o pensamento kantiano, principalmente na *Fenomenologia do Espírito*, no que tange essas questões acima mencionadas (educação, cultura, formação, pedagogia, conhecimento) e tão tratadas na modernidade por diversos filósofos. Por mais que Hegel não se declare como um pensador que buscou trabalhar a questão pedagógica, diferente de Kant, podemos identificar a relação de sua obra com esse tema, inclusive proposto por Nicolau (2019).

Trata-se de um momento histórico onde as revoluções propiciaram mudanças radicais no contexto social da época, uma reviravolta do pensamento, onde a modernidade precisou rever seus conceitos quando pensou que uma razão completamente positivada e livre da metafísica seria a solução como ciência.

MATERIAL E MÉTODOS

Quanto à metodologia da pesquisa, será realizada uma exegese filosófica da obra principal (*Fenomenologia do Espírito*), uma propedêutica necessária para compreendermos o conceito a ser trabalhado. No mais, através da análise de materiais já publicados, livros e artigos, além de artigos e obras de alguns de seus comentadores, almejando desenvolver um estudo voltado à Bildung hegeliana, à fim de que isso colabore com a análise do conceito e responda aos nossos anseios no decorrer da pesquisa poder tecer críticas e opiniões.

RESULTADOS E DISCURSSÃO

A verdade, para Hegel, estaria numa ciência firmada na cultura, ética, estética, história, ou seja num processo e não apenas na tecnicização, levando em conta uma lógica dialética onde os objetos fazem parte da realidade, mas não constituem a realidade em seu todo. Vemos no pensamento hegeliano a proposta de sua teoria do conhecimento, onde a razão filosófica seria o “espírito do mundo”. A propósito de verdade, filosofia e ciência, Hegel diz no parágrafo cinco do prefácio:

[Die wahre Gestalt] A verdadeira figura, em que a verdade existe, só pode ser o seu sistema científico. Colaborar para que a filosofia se aproxime da forma da ciência - da meta em que deixo de chamar-se amor ao saber para ser saber efetivo - é isto o que me proponho, reside na natureza do saber a necessidade interior de que seja ciência, e somente a exposição da própria filosofia será uma explicação satisfatória a respeito (HEGEL, 2003, §5).

Destarte, não existiria filosofia sem verdade e para haver verdade, segundo Hegel deveria haver ciência, porém não uma ciência metódica nos moldes de Descartes ou Kant. Seria a verdadeira Filosofia, tal Hegel havia imaginado, ou seja, deveria ser parte de um movimento dialético, formador, presente na relação entre necessidade e condição de existência; uma relação de êxtase e força abrasadora ao invés de uma consciência fria e metódica. Em suas palavras: “Não é o conceito, mas o êxtase, não é a necessidade fria e metódica da Coisa que deve constituir força que sustém e transmite a riqueza da substância, massim o entusiasmo abrasador” (HEGEL, 2003, §7). *Das werdende wissen* O conhecimento nascente): “o devir do saber” Hegel (2003). Assim essa filosofia estaria atrelada à um processo de formação cultural [Bildung], o qual Hegel caracteriza como sendo necessário ao desenvolvimento do espírito absoluto no processo de desenlace da consciência.

Ainda assim, a Bildung para Hegel transmuta para o próprio âmago do sujeito, “para o seu saber”, a condição de fenômeno, que Kant cingira à esfera do objeto, essa é a originalidade da Fenomenologia e é nessa perspectiva que ela pode ser apresentada como processo de "formação" (cultura ou Bildung) do sujeito para a ciência. Neste íterim, a ciência é vista como de grande importância para Hegel, sendo proposta de uma forma inovadora para seu tempo (Vaz in F.E, 2003, P. 13).

Sabemos que existem vários estudos e perspectivas sobre a Bildung e algumas traduções desse conceito, como por exemplo; Cultura, formação. No entanto utilizamos aqui a tradução de Rosana Suarez, a partir de uma nota que ela publica sobre um texto de Antoine Berman, no que identifica a Bildung em várias propostas, mas que a mesma delimita como sendo: “Formação cultural”. E é nessa perspectiva que trabalharemos; a Bildung como formação cultural a partir do texto de Suarez (2005).

Em determinado momento da sua escrita, percebemos quando ela usa um termo, numa citação de Berman, que é comum na cultura alemã, à título de ilustração: o duplo (*Doppelgänger*) na cultura alemã.

A palavra alemã *Bildung* significa, genericamente, “cultura” e pode ser considerado o duplo germânico da palavra *Kultur*, de origem latina. Porém, *Bildung* remete a vários outros registros, em virtude, antes de tudo, de seu riquíssimo campo semântico: *Bild*, imagem, *Einbildungskraft*, imaginação, *Ausbildung*, desenvolvimento, *Bildsamkeit*, flexibilidade ou plasticidade, *Vorbild*, modelo, *Nachbild*, cópia, *Urbild* e, arquétipo (Berman, 1984 apud Suarez, 2006).

O significado de “duplo germânico”, trazido aqui por Berman através de Suarez, nos remete à pensar na literatura alemã. O duplo (*Doppelgänger*) nesse contexto trata de uma lenda folclórica alemã de que todos nós possuímos uma duplicata, um sócia.

No entanto o que queremos com essa ilustração é reafirmar a riqueza da cultura alemã e sua linguagem, além de também reforçar a potencia da *Bildung* como um conceito, alemão da modernidade, tão mais rico quanto se possa imaginar a partir do que existe na história do conhecimento sobre esse tema. Assim, mediante toda essa apresentação de riqueza da cultura alemã, de importância dos seus filósofos para o conhecimento gostaríamos de relacionar essa questão do conceito de *Bildung* com a *Paideia* grega.

Mas qual a relação da *Paidéia* com a *Bildung* hegeliana? No próprio “Dicionário Hegel”, de Inwood, encontramos a relação da educação com a cultura. Onde tem: **educação** ver “CULTURA E EDUCAÇÃO” (Inwood, P. 128). Ao digitarmos “Paideia” no buscador de texto, aparece como resposta “educação”, conseqüentemente “cultura”, pois a Paideia se trata, nesse contexto, de uma educação cultural, circular e universal. Mais especificamente: “educação circular, isto é, universal” (Inwood, P.135).

No dicionário Abbagnano (p. 225), diz que cultura na concepção iluminista, significa a capacidade que o homem racional possui de ser livre. Assim percebemos como o período das luzes buscou uma afirmação na área do conhecimento em comunhão com a liberdade, o entendimento, a razão. O ideal de liberdade tomava de conta da filosofia nesse momento histórico. Já a concepção de cultura para os gregos nos remete a Paideia, tendo em vista que essa seria uma formação individual do homem.

Segundo Nicolau (2013) em sua tese de doutorado, o conceito de *Bildung* se compara ao conceito de *Paidéia* no sentido de possuir denotada importância num determinado contexto cultural, cada um à sua medida e em seu tempo. Sem que para isso devamos confundir e dizer que são o mesmo ou a *Bildung* seja o *Doppelgänger* da *Paideia*.

No Prefácio da *Fenomenologia do Espírito* Hegel defende que o indivíduo deverá passar por um processo de transformação ascendente. Não seria absurdo dizer que as teorias que viriam a compor o rol de explicações sobre a Psicologia do Desenvolvimento tenham sido antecipadas pelo pensamento hegeliano. A transformação ascendente que ele propõe tem tanto um caráter qualitativo quanto quantitativo, inclusive fazendo a metáfora com o bebê no útero, que inicia a vida imerso na satisfação de suas necessidades e depois, terá que vivenciar momentos de tensão, ruptura, perdas, ou seja, saltos em seu desenvolvimento (HEGEL, 2003).

No parágrafo quatorze é onde veremos surgir, pela primeira vez no Prefácio à F.E. o conceito de formação cultural (*Bildung*), que vem inicialmente relacionando a mesma com a ciência e dando-a um estatuto mais amplo que aquela. O filósofo nos convida a um olhar mais sensível e para além do imediato, onde a teoria do conhecimento estaria marcada apenas pelo sujeito, ou simplesmente pelo objeto. O que revoluciona em Hegel é que ele traz consigo a ideia de que não interessa só o objeto, interessa também o sujeito. [*Die Wissenschaft*] A ciência que recém-começa; segundo Hegel, esse conhecer primário, imaturo ainda não se pode afirmar enquanto conhecimento formado (*Bildung*) e por isso sofre críticas, está fadada ao escárnio. Segundo ele seria inadmissível e injusto não querer admitir que “o processo”, fosse essencial para essa ciência que estava por se formar mas que ao mesmo tempo já é ciência em potencial. Seria essa uma ciência principiante, sem a devida composição cultural

que somente o tempo e a história poderiam lhe garantir à verdadeira formação (HEGEL, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesses termos, o que difere da *Paideia*, que para a época da Grécia clássica poderia ser visto como um conceito evoluído para aquele momento, na modernidade não mais comportaria. Na teoria dialética hegeliana, a *Paideia* já não mais abarcava todo o potencial da sociedade de então, que só conseguiu ser explicada nas teorias reformuladas de seu tempo. Uma delas foi a dialética de Hegel, supõe-se. Tendo em vista que a dialética de Hegel nos trás grandes possibilidades de entender o complexo fluxo do universo e da vida, que aqui expomos através da sua primeira obra de vulto, à *Fenomenologia do Espírito*, que nos traz o percurso da consciência em busca da verdadeira formação nos faz pensar mesmo nessa capacidade de plasticidade do homem e da sociedade, nessa necessidade, talvez, que possuímos de nos moldar para bem viver e conviver.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à CAPES por estar me auxiliando com a bolsa de pesquisa, à Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA e todos os seus colaboradores que direta e indiretamente fazem parte desse trabalho.

REFERÊNCIA

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5ª edição, são Paulo, Martins Fontes, 2007.

CHATELET, F. **A Filosofia e a História: de 1780 a 1880**. Col. História da Filosofia: idéias, doutrinas. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. 5ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. Trad. Paulo Menezes. Petrópolis: Vozes, 2003.

INWOOD, Michael. **Dicionário Hegel**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

NICOLAU, M. F. A. **A Bildung em Hegel**. Sobral: Sertão Cult, 2019.

SUAREZ, Rosana. **Nota sobre o conceito de Bildung (formação cultural)**, Belo Horizonte, *Kriterion*, N.112, p.191-198, 2005.